

RUA NELSON RAMOS

Decreto nº 7280 de 28-07-1982

Decreto nº 8194 de 05-09-1984

Formada pela rua 52 do Parque Via Norte

Início na rua Redento Natali

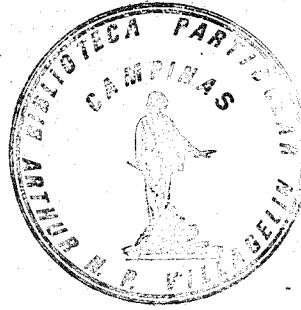
Término na rua Beniamino Gigli

Parque Via Norte

Obs.: O decreto 7280/82 foi assinado pelo Prefeito Municipal José Nassif Mokarzel e o decreto 8194/84 pelo Prefeito José Roberto Magalhães Teixeira. O decreto 8194/84 alterou a redação do decreto nº 7280/82. Protocolado nº 18.075 de 08-06-1982 em nome do vereador Fernando Paolieri e Outros.

NELSON RAMOS

Nelson Ramos era filho de Noel Ramos e Bárbara Clemente Ramos, foi morto na manhã de 24-junho-1975 ao ser atingido por dois tiros no tórax, desferidos por um marginal. Soldado da Polícia Militar, Nelson Ramos em companhia de outro policial, encontravam-se fazendo a ronda no bairro Cura D'Ars, quando foram solicitados para o atendimento a uma ocorrência. Ao se aproximarem do ladrão, este tentou fugir, sendo agarrado pelo soldado Santos, travando luta corporal. O ladrão desencilhando-se dos policiais, pôs-se a correr e sendo perseguido, saca de uma arma e faz cinco disparos seguidos contra os seus perseguidores. Nelson Ramos tomba, atingido por dois tiros. Socorrido, é levado ao pronto-socorro, porém, não resistindo aos ferimentos, morre. Nelson Ramos se alistara em 1964, na então Guarda Civil de São Paulo, passou em 1967 a integrar a Polícia Militar, e desde 1970, prestava serviço a essa corporação, em Campinas. Seu enterro, realizado no Cemitério de Nossa Senhora da Conceição, no bairro dos Amarais, teve um acompanhamento com mais de 400 veículos, além de haverem sido prestadas as honras de praxe. Antes que o caixão fosse depositado no túmulo 191, da quadra 1, o comandante do 8º B P M, ten. Cel. João José Bastos Brito, leu o boletim especial que, entre outras coisas, afirmou: "Novamente, em trágico momento, se materializa o solene compromisso um dia prestado perante o sagrado símbolo da Pátria, jurando defendê-la com o sacrifício da própria vida. Sempre disciplinado e dedicado ao serviço, se revela um soldado exemplar, registrando seus assentamentos apenas e logios por bons serviços e nenhuma punição. Sabemos que não há palavra para exprimir o sentimento de todos nós nesta hora dolorosa. Teu sangue precioso, vertido no cumprimento do dever, servirá de exemplo e incentivo a todos nós, que continuaremos na árdua missão de zelar pela ordem e segurança. Tua morte, prematura e dolorosa, será alento que no fará prosseguir."



DECRETO N.º. 7.280 DE 28 DE JULHO DE 1982.

DENOMINA "NELSON RAMOS" UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual n.º. 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios), e

CONSIDERANDO que o artigo 8º. do Decreto n.º. 3476, de 11 de setembro de 1969, com a redação que lhe foi dada pelo Decreto n.º. 5690, de 14 de maio de 1979, concede ao Executivo a prerrogativa de denominar próprios, vias e logradouros públicos, independentemente de manifestação da Comissão criada para opinar sobre a matéria, desde que haja indicação de Vereadores integrantes da Câmara Municipal;

CONSIDERANDO existir indicação nos termos do referido diploma legal;

CONSIDERANDO que aos membros do Legislativo cabe a honrosa tarefa de colaborar com o Executivo na indicação de nomes de próprios, vias e logradouros públicos e que o seu judicioso critério de escolha é acatado pelo Executivo sem restrições,

DECRETA:

Artigo 1º. - Fica denominada "RUA NELSON RAMOS" a Rua 1 do Jardim Cristina, com início na Rua 10 e término na divisa do mesmo loteamento.

Artigo 2º. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 28 de julho de 1982

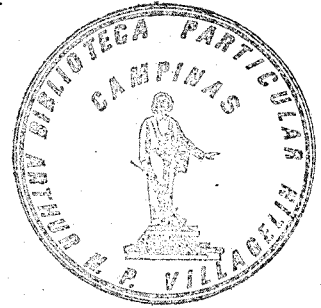
DR. JOSÉ NASSIF MOKARZEL
Prefeito Municipal

DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENGO. ISTAMIR SERAFIM
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do Protocolado n.º. 18075, de 08 de junho de 1982, por indicação do Vereador Fernando Paolieri e Outros, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 28 de julho de 1982.

NASSIF JOSÉ MOKARZEL NETO
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito



DECRETO N.º. 8194 DE 05 DE SETEMBRO DE 1984

ALTERA A REDAÇÃO DO ARTIGO 1º. DO DECRETO N.º. 7.280, DE 28 DE JULHO DE 1.982, QUE DENOMINOU VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das suas atribuições legais,

DECRETA:

Artigo 1º. - O artigo 1º. do Decreto n.º. 7.280, de 28 de julho de 1.982, que denominou via pública do Município de Campinas, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Artigo 1º. - Fica denominada "RUA NELSON RAMOS" a Rua 52 do Parque Via Norte, com início na Rua Redento Natali e término na Rua 51 desse mesmo loteamento."

Artigo 2º. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 05 de setembro de 1984

JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA
Prefeito Municipal

NEIDE CARICCHIO
Secretária dos Negócios Jurídicos

AUGUSTO FERNANDO DE BARROS PIMENTEL FILHO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º. 18075, de 08 de junho de 1.982, em nome do Vereador Fernando Paolieri e outros e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 05 de setembro de 1984.

PLÍNIO GUIMARÃES MORAES
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito



DIÁRIO DE

Campinas — Quarta-feira, 25 de junho de 1975 — Ano LXIV — N.º 20.268

PM foi morto com 2 tiros no tórax

Depois de assassinar com dois tiros no tórax ao PM Nelson Ramos, quando este tentava prender, o bandido Mário Antonio dos Santos, vulgo "Marião", acabou sendo preso pela polícia, num barraco na Vila Ipê, por volta de 17:30 horas de ontem. O crime ocorreu ontem às 8:30 horas da manhã, na Rua Padre Bento Dias Pacheco, cruzamento com a Waldemar César da Silveira, na Vila Cura D'Ars. Nelson Ramos, de 31 anos de idade, era solteiro e residia no bairro São Bernardo.

A revolta contra o assassinio de Nelson Ramos foi tão grande que, quando ele chegou à seccional de polícia, os policiais não se satisfizeram só com os empurrões que lhe deram. Queriam linchá-lo realmente. E o teriam feito, se não fosse trancada a porta da sala dos investigadores, para onde ele foi conduzido.

O CRIME

Eram 8:30 horas, quando Alvimar Arruda, dono de uma banca de jornais na Vila Cura D'Ars, solicitou aos policiais Ramos e Santos, que cuidassem de uma ocorrência. Os policiais estavam, então, rondando o bairro Cura D'Ars.

— Olham, esse que aí vem é ladrão. A bicicleta em que ele está é roubada, disse Alvimar.

Os dois policiais abordaram imediatamente o ladrão, quando este se aproximou. Mário Antonio dos Santos, 18 anos, "Marião", residente à Rua 9, n.º 98, na Vila Georgina, depois de alguns instantes, tentou fugir, mas foi agarrado por Santos, que impediu sua fuga. Os dois travaram uma luta corporal, na qual o policial sofreu várias escoriações. O ladrão conseguiu se desvencilhar dos policiais e se pôs a correr. Santos e Ramos não deixaram por menos e

ceu como que misteriosamente.

A PRISÃO

Só 9 horas mais tarde, por volta das 17 horas, ocorre finalmente a prisão. Através de uma informação o sargento Martins ficou sabendo que o criminoso estava escondido em um barraco na Vila Ipê. Comunicou-se com as viaturas da Polícia Civil e Militar. A que estava mais à disposição, tinha os investigadores Airton, João Campos, Carneiro, Pizão, Sílvio Braz e os sargentos Marins e Francisco em seu comando, além dos PMs, Velarde, Ala, Silva, Toledo, Marcelino, Urbano, Aristeu, Doraci e José Carlos.

Eles se dirigiram para o local indicado. No barraco de propriedade de Sebastiana da Silva os policiais fizeram um cerco. Marião estava lá. E tentou fugir, quando percebeu a presença da polícia. Ele chegou ainda a pular um muro de uma residência mas foi finalmente detido. Quando chegou à seccional de polícia, a revolta de outros militares era tão grande, que eles quiseram linchá-lo. Depois, ele foi conduzido à sala dos investigadores e a porta foi trancada, não se permitindo mais a entrada de ninguém. Uma multidão de curiosos permanecia por perto, vendo o desenrolar das cenas.

TIRO

Muito calmo, o criminoso explicou à reportagem deste jornal que levou um tiro na perna esquerda, no momento que desferiu os cinco tiros contra os policiais.

— Um tiro me pegou mas mesmo assim tive forças para continuar correndo dos policiais e fui para o Jardim dos Oliveiras. Lá

de Campinas. Contava todas as prisões que havia conseguido efetuar.

Bárbara Clemente Ramos não se conformava de forma nenhuma com a morte de seu filho mais velho.

— Logo eu que sempre o alertava para os perigos da vida de um policial, não parece verdade, vejo agora morto o meu próprio filho... Sempre quando chegava a hora de ele voltar para Campinas eu lhe dizia: meu filho, tome cuidado com os ladrões, tenho visto muitos policiais que foram mortos por ladrões perversos. Agora o que resta? O criminoso será preso, ficará por algum tempo na cadeia e depois será posto em liberdade. Mas a vida do meu filho querido ninguém será capaz de devolver. O criminoso ainda não havia sido preso nesse momento e dona Bárbara rogava a Deus para que isso ocorresse o mais rápido possível.

NELSON RAMOS

Soldado da Polícia Militar, RG 3191241, Ramos pertencia à 2.ª Companhia e era motorista oficial das viaturas da Rádio Patrulha. Filho de Noel Ramos e Bárbara Clemente Ramos, entrou para a Polícia Militar em 1967. Bom policial, sempre facilitava os trabalhos da Imprensa nos acidentes que atendia. Foi sempre querido por todos os colegas. A polícia militar acaba de perder um soldado sempre preocupado com seus deveres.

ABATIDOS

Sentindo ainda o abalo que o crime provocou em todos, o Tenente-Coronel João José de Bastos Brito, comandante do 8.º BPM e o sub-comandante Major Francisco de Oliveira Andrade disseram a este jornal que os ladrões não respeitam mais os policiais.



Alvimar Arruda, dono de uma banca de jornais na Vila Cura D'Ars, solicitou aos policiais Ramos e Santos, que cuidassem de uma ocorrência. Os policiais estavam, então, rondando o bairro Cura D'Ars.

— Olhem, esse que aí vem é ladrão. A bicicleta em que ele está é roubada, disse Alvimar.

Os dois policiais abordaram imediatamente o ladrão, quando este se aproximou. Mário Antonio dos Santos, 18 anos, "Marião", residente à Rua 9, n.º 98, na Vila Georgina, depois de alguns instantes, tentou fugir, mas foi agarrado por Santos, que impediu sua fuga. Os dois travaram uma luta corporal, na qual o policial sofreu várias escoriações. O ladrão conseguiu se desvencilhar dos policiais e se pôs a correr. Santos e Ramos não deixaram por menos e saíram em perseguição ao marginal a pé. Em determinado momento ele sacou de uma arma e fez cinco disparos seguidos contra seus perseguidores. Nelson Ramos tombou. Tinha sido atingido com dois tiros no tórax. Santos, seu companheiro, prestou-lhe socorro imediato, com a ajuda de alguns populares. A vítima foi conduzida para o Hospital Irmãos Penteados. Mas Ramos morreu, quando recebia os devidos socorros médicos.

EM AÇÃO

A polícia se movimentou, entra em ação. O policial está morto, agora é necessário localizar o criminoso e prendê-lo. Mais de duzentos policiais civis e militares saíram à procura do criminoso. Só do 8.º BPM (Batalhão da Polícia Militar) são designados por seu comandante e sub-comandante Ten. Cel. João José de Bastos Brito e Major Francisco de Oliveira Andrade mais de cem policiais. Da polícia Civil o delegado seccional, Fortunato Alfredo Catelli Florence determinou que todos os investigadores saíssem à caça do criminoso. Vários locais foram vasculhados: Jardim Santa Odila, Jardim dos Oliveiras, Jardim Amazonas, Jardim Nova Europa, Vila Cura D'Ars, Jardim Novo Campos, Elisios, Morro dos Macacos, além de vários matagais próximos à Via Anhanguera. Mas o criminoso desapare-

nalmente detido. Quando chegou à seccional de polícia, a revolta de outros militares era tão grande, que eles quiseram linchá-lo. Depois, ele foi conduzido à sala dos investigadores e a porta foi trancada, não se permitindo mais a entrada de ninguém. Uma multidão de curiosos permanecia por perto, vendo o desenrolar das cenas.

TIRO

Muito calmo, o criminoso explicou à reportagem deste jornal que levou um tiro na perna esquerda, no momento que desferiu os cinco tiros contra os policiais.

— Um tiro me pegou mas mesmo assim tive forças para continuar correndo dos policiais e fui para o Jardim dos Oliveiras. Lá existem umas casas do BNH abandonadas e foi aí que me escondi primeiro. Mais tarde mudei de idéia. Resolvi ir para o barraco de Sebastiana, onde acabei sendo preso.

O marginal explicou também que jogou a arma do crime próximo a um campo de futebol. No entanto, a polícia esteve no local indicado pelo marginal mas não conseguiu localizar a arma. O revólver usado foi um Taurus calibre 32.

MARIAO

Mário Antonio dos Santos, de dezoito anos, tem inúmeras passagens pela polícia por furtos e assaltos. Não é a primeira vez que ele se mostra audacioso. Já em 1974 ele tentou matar o sargento Martins da Polícia Militar. Trata-se de elemento perigoso, que sempre está armado. Há menos de dois meses atrás ele, juntamente com outros marginais, invadiu a casa do Tenente Bueno e furtou vários objetos de valor, mas não ficou impune, sendo preso logo depois.

INCONFORMADOS

Dos pais de Nelson Ramos quem se mostrava mais inconformada era sua mãe, Bárbara Clemente Ramos, que chorava incontavelmente. Seu pai, no entanto, também estava descontrolado, o que deixou transparecer. Noel Ramos é o nome dele.

— O que é mais duro nisso tudo é criar um filho, ter orgulho de ele ser um policial e ele acaba sendo morto por um ladrão perverso. Meu filho era alegre e sempre que ia em casa se preocupava em contar todas as novidades

tar, RG 3191241, Ramos pertencia à 2.ª Companhia e era motorista oficial das viaturas da Rádio Patrulha. Filho de Noel Ramos e Bárbara Clemente Ramos, entrou para a Polícia Militar em 1967. Bom policial sempre facilitava os trabalhos da imprensa nos acidentes que atendia. Foi sempre querido por todos os colegas. A polícia militar acaba de perder um soldado sempre preocupado com seus deveres.

ABATIDOS

Sentindo ainda o abalo que o crime provocou em todos, o Tenente-Coronel João José de Bastos Brito, comandante do 8.º BPM e o sub-comandante Major Francisco de Oliveira Andrade disseram a este jornal que os ladrões não respeitam mais os policiais.

— Basta ver o exemplo de São Paulo. Na Capital vários policiais já foram mortos por marginais. Quando o policial mata o ladrão, ele é obrigado a responder inquirido e, muitas vezes, é obrigado a se sujeitar até à prisão. Quando ocorre o contrário, no entanto, a gente não é compreendida até pela população. A gente só tem algum valor, quando qualquer pessoa é vítima de assalto ou furto.

AUTÓPSIA

A autópsia foi feita pelos médicos legistas doutores Goes e Fidêncio. Eles confirmaram no corpo do policial Ramos os dois tiros que ele levou no tórax.

ENTERRO

O Comando da Polícia Militar está convidando o povo em geral para o enterro do policial Ramos, cujo féretro sairá do 8.º BPM, Salão Nobre, hoje, às nove horas da manhã, para o Cemitério Nossa Senhora da Conceição.

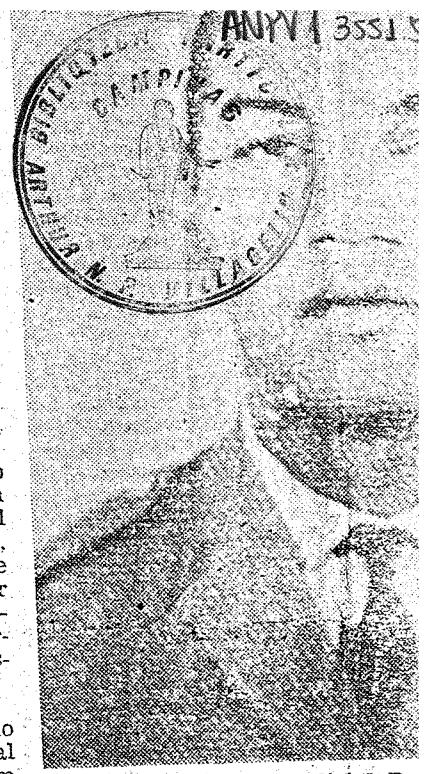
NÃO VIRA

O Secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, Coronel Antonio Erasmo Dias, falou a este jornal, dizendo da impossibilidade de estar presente hoje.

— Não poderei comparecer, porque tenho uma convenção. Mas em meu lugar irá o Coronel Sidney Teixeira Alvarez, que é o responsável pela CIOP.

O secretário, em suas declarações, frisou o mesmo aspecto da Polícia de Campinas.

— Quando um policial mata um marginal todos procuram sacrificar a polícia. Quando um policial tomba morto, no entanto, ninguém diz nada. A luta contra os bandidos vai continuar, apesar de tudo, custe o que custar, pois a polícia é sempre polícia e precisa ser respeitada.



O policial Ra



Desesper

Tome Nota

26-6-75

A morte de um policial

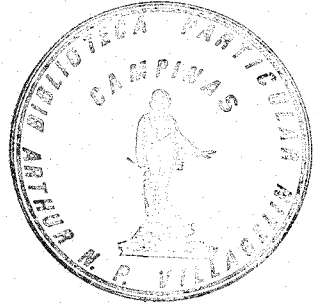
Sabem todos que acompanham a linha de orientação deste jornal que somos radicalmente contrários a qualquer tipo de violência. Repudiamos-la sempre e com todas as nossas forças, partam de onde partirem e, especialmente, da polícia. Temos sido implacáveis fiscais dos órgãos policiais, reclamando maior trabalho, maior esforço, maior ação, tudo, entretanto, dentro da possível linha de moderação.

Condenamos os abusos de autoridade, os excessos que a polícia porventura pratica, assim como reprimamos veementemente os chamados "coices de mula". Entendemos sempre que a polícia deve prender os delinquentes, retirá-los de circulação, processá-los pelos crimes cometidos, sem contrariar, entretanto, a lei brasileira que não estabelece pena de morte, como admitimos, muito menos, que os policiais façam justiça com as próprias mãos. Existe, no País, um Poder Judiciário, especialmente criado para julgar os delinquentes e puni-los nos termos da lei. Dai injustificar-se, em princípio, qualquer violência.

Isto não quer dizer, contudo, que admitimos a passividade dos policiais, a sua omissão. Melhor a ação com rigor que a omissão vergonhosa. Nesse ponto, estamos com o Ilustre Secretário da Segurança Pública, cel. Antonio Erasmo Dias, que determina rigor contra os bandidos.

E, em uma ação rigorosa, única forma de combater o crime, com eficácia, evidentemente, é preferível mil vezes, ver um bandido morto que um policial. Os delinquentes não respeitam ninguém, nem mesmo a polícia. Está provado que com a mesma frieza com que eles tiram a vida de cidadãos, de chefes de famílias, eles enfrentam a polícia, dispostos a matar. Não resta, a nosso ver, nesses casos outra alternativa senão liquidar o marginal. Ninguém pode, evidentemente, confundir a função de um policial que luta pela nossa segurança, com a de um delinquente que nos tira a vida e a tranquilidade permanentemente.

A população se revolta, cada vez que a polícia mata um bandido, mas não se revolta menos quando um bandido mata um cidadão qualquer. Sempre que isso ocorre, culpamos a polícia por omissão, e quando a polícia mata, repudiamos-la pela violência. Além dessa condenação da opinião pública, o policial é submetido a inquérito, a processo e muitas vezes condenado, como se fosse também um marginal, embora estivesse de posse de uma arma.



maior esforço, maior ação, tudo, entretanto, dentro da possível linha de moderação.

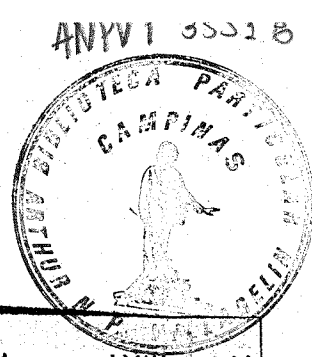
Condenamos os abusos de autoridade, os excessos que a polícia porventura pratica, assim como recriminamos veementemente os chamados "coices de mula". Entendemos sempre que a polícia deve prender os delinquentes, retirá-los de circulação, processá-los pelos crimes cometidos, sem contrariar, entretanto, a lei brasileira que não estabelece pena de morte, como admitimos, muita menos, que os policiais façam justiça com as próprias mãos. Existe, no País, um Poder Judiciário, especialmente criado para julgar os delinquentes e puni-los nos termos da lei. Daí injustificar-se, em princípio, qualquer violência.

Isto não quer dizer, contudo, que admitimos a passividade dos policiais, a sua omissão. Melhor a ação com rigor que a omissão vergonhosa. Nesse ponto, estamos com o Ilustre Secretário da Segurança Pública, cel. Antonio Erasmo Dias, que determina rigor contra os bandidos.

E, em uma ação rigorosa, única forma de combater o crime, com eficácia, evidentemente, é preferível mil vezes, ver um bandido morto que um policial. Os delinquentes não respeitam ninguém, nem mesmo a polícia. Está provado que com a mesma frieza com que eles tiram a vida de cidadãos, de chefes de famílias, eles enfrentam a polícia, dispostos a matar. Não resta, a nosso ver, nesses casos outra alternativa senão liquidar o marginal. Ninguém pode, evidentemente, confundir a função de um policial que luta pela nossa segurança, com a de um delinquente que nos tira a vida e a tranquilidade permanentemente.

A população se revolta cada vez que a polícia mata um bandido, mas não se revolta menos quando um bandido mata um cidadão qualquer. Sempre que isso ocorre, culpamos a polícia por omissão, e quando a polícia mata, repudiamos a polícia pela violência. Além dessa condenação da opinião pública, o policial é submetido a inquérito, a processo e muitas vezes condenado, como se fosse também um marginal, embora estivesse ele, nesses casos, defendendo-nos. Ora, se os policiais têm o dever de defender a nossa vida, está claro que eles têm também o direito de defender a sua. É caso típico e indiscutível de legítima defesa. Antes matar que morrer, diz o velho provérbio popular. Se os bandidos querem matar, que morram antes. O atual estado de violência, o alto índice de criminalidade e alta periculosidade dos delinquentes já não permite mais qualquer contemplação de parte da polícia. Ser contemplativo, usar meios moderados com quem não os usa, é permitir vitória aos fora da lei e, mais que isso, nos levar a lamentar, como o fazemos agora, a morte de um policial.





Campinas — Quarta-feira, 14 de agosto de 1974 — Ano — LXIII — N.

Melhora o estado de saúde de Alfredinho

Informações colhidas na tarde de ontem junto ao Hospital Irmãos Penteado, dão conta que o estado de saúde do investigador Alfredo Marques Filho, tem melhorado sensivelmente. Alfredinho, como é conhecido, foi baleado no dia 8 passado, pelo marginal Laércio Domingues da Silva, na pálpebra e na cabeça.

Por volta das 13 horas ele saiu do CCI, aonde estava internado, e foi removido para um apartamento aonde permanece em companhia de sua esposa, Antonieta Marques.

Na porta clara do apartamento número 4 do Hospital, a tabuleta avisa: "Não são permitidas visitas". A reportagem do Diário do Povo, no entanto, conseguiu falar com a esposa do investigador.

Com os olhos marcados por olheiras, ela diz:

— "Finalmente o Alfredinho já começa a balbuciar algumas palavras. Os médicos já disseram que, graças a Deus, a fase

mais difícil passou e agora o processo dele já é de franca recuperação".

AINDA PODERÁ SER OPERADO

Embora os médicos admitam que, realmente, o investigador está "em processo de franca recuperação", pode ser que ainda seja necessária uma nova intervenção cirúrgica na cabeça de Alfredinho.

Depois da remoção de seu marido para o apartamento, e já inteirada dos últimos boletins médicos que informavam as melhorias no estado de saúde do paciente, Antonieta Marques, mais tranquila, declarou:

— "O que o doutor Nabur Facure e sua equipe fizeram pelo meu marido foi incrível. Eles deram tudo de si para salvá-lo. A preocupação das enfermeiras e funcionários do hospital, além da preocupação dos colegas de trabalho de Alfredinho, é que me mantiveram esperançosa durante todo esse tempo".



Últimas homenagens para o soldado Ramos

Mais de mil pessoas, segun-
do cálculos, acompanharam o
enterro do soldado Ramos da
Policia Militar dentro com dois
tiros nos forax, na manhã de
terça-feira. O funeral do po-
licial saiu do salão nobre do
8.º BPM — Batalhão da Poli-
cia Militar e seguiu para o
Cemitério Nossa Senhora da
Conceição, tendo sido deposi-
tado no túmulo 191, quadra 1.
O féretro foi conduzido por
um carro do Corpo de Bom-
beiros, ladeado por 6 elemen-
tos da unidade.

CORTEJO

Sirene aberta, uma viatura
dava a guia. Atrás dela, ia o
carro de bombeiros. Em ter-
ceiro lugar, todas de sirenes
abertas, estavam outras via-
turas da policia civil e militar
e inúmeros outros carros. Ha-

via também ²⁶⁻⁷⁻⁷⁵ viaturas da
Guarda Noturna, além de
mais de 300 carros particula-
res. Seguiam ainda o cortejo
caminhões da Policia Militar,
ônibus que transportavam re-
crutas, parentes e colegas do
policial Ramos.

Durante o percurso muitas
pessoas vinham à janela e
portas para dar o último
adeus ao policial. Inconsolá-
veis os pais, Noel Ramos e
Bárbara Clemente Ramos,
eram amparados por amigos
e policiais. Mais de 30 minu-
tos foram gastos até a che-
gada ao Cemitério.

ÚLTIMAS HOMENAGENS

No Cemitério Nossa Senhora
da Conceição foram presta-
das as últimas homenagens ao
policial morto. O último sinal
da amizade de que sempre
desfrutou foram vinte e um
tiros com balas de festa em
direção ao solo. Esse ato foi
realizado por uma Guarda da
Policia Militar, composta por
um sargento e 6 policiais mi-
litares.

O funeral foi conduzido de-
pois para a quadra 1, túmulo
191, onde foi depositado. En-

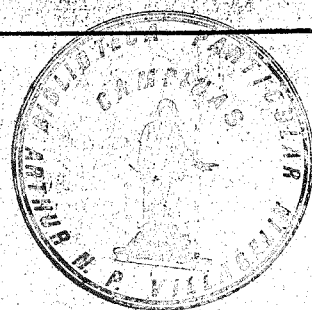
quanto o cântico desceu, o cor-
neteiro do 8.º B.P.M. tocou
a canção "Silêncio". Foi esse
o momento mais dramático.
Eram as últimas manifesta-
ções. Os familiares do polie-
nal se conformavam de forma
nenhuma com sua morte.
mesma situação de luto, o
mesmo era observada com re-
lação aos seus companheiros
de serviço, que também chor-
ravam.

AUTORIDADES

Ao enterro estiveram pres-
entes as seguintes autorida-
des: Tenente Coronel João Jos-
de Bastos Brito, comandante
do 8.º B.P.M. — Major Fran-
cisco de Oliveira Andrade,
subcomandante do 8.º B.P.M. —
Coronel Sidner Teixeira Al-
vares, representante do Secre-
tário da Segurança Pública do
Estado de São Paulo, Coronel
Antonio Erasmo Dias, da
CIOP — Fortunato Catelli Flo-
rence, delegado Seccional de
Policia de Campinas — Juiz
José Hernandez, representa-
do o delegado Regional, Ro-
berto Cardoso de Melo Tucun-
duva — Juiz Roberto Telles
Sampaio. Além destes, estive-
ram presentes várias outras
autoridades civis e militares.
Todos foram demonstrar gra-
tidão ao policial Ramos, que
morreu, dedicando-se ao ser-
veio.

DO POVO

Edição Extra



ombou morto: Pedrinho. Agora, Alfredinho está gravemente ferido.

Matar policiais.

É a nova "onda" dos bandidos

Uma nova "onda" entre os bandidos está ganhando cada vez mais adeptos: atirar para matar os policiais. Fábio Gerald Vasconcellos, chefe dos investigadores de Polícia em Campinas não esconde sua preocupação e fala ao IDP:

Os policiais tanto da Polícia Civil como os da Militar quando saem atualmente numa diligência, deixam suas esposas e filhos em casa sem saberem se voltarão. Os marginais não estão mais respeitando a Polícia, todos andam armados e atiram para matar. Esta é nossa preocupação, precisamos fazer voltar o respeito, a ordem e a lei para que a tranquilidade retorne aos lares de nossos homens. É um trabalho difícil, mas vem se agravando cada vez que um bandido atira num investigador ou PM. Um ato deste provoca imediatamente a sugestão em outros marginais que passam a atirar também. Todos os larápios apreendidos nos últimos dois meses estavam armados com armas de vários calibres, e a menor reação de um policial é sempre respondida a bala, sem piedade alguma.

UMA NOVA ONDA

Tudo parece ter começado quando o ladrão Walter Miguel, o conhecido "Cabeleira" matou a tiros o investigador Falconi, iniciando uma nova era para os bandidos: "a morte aos policiais".

Depois quando tudo parecia estar voltando a normalidade, enquanto homens da cidade discutiam nossos problemas de segurança, Pedro da Silva, o investigador Pedrinho, 33 anos, casado, com uma filhinha de quatro anos, é assassinado a tiros de revólver pelo marginal "Bertão", responsável por inúmeros assaltos a veículos, casais de namorados e residências. Hoje Pedrinho morto e "Bertão" na cadeia, de onde não sairá tão cedo.

Mas a vida parece ter sido aprendida até pelos maiores da cidade, todos armados na disposição de matar um policial a qualquer momento. De todos os assaltos registrados nos últimos dois meses, o uso de armas de fogo foi notado. Em muitos casos de assassinato, a vítima não quis respeitar os marginais e acabou cravado de balas.

Atirar para matar, principalmente em policiais parece ser a ordem entre os bandidos.

ALFREDINHO

Depois de Falconi e Pedrinho, mortos a tiros por marginais, Alfredinho, investigador de Polícia, recentemente transferido para Campinas de São Paulo, que se encontra internado em estado grave, no Hospital Irmãos Penteados, figura como o terceiro policial atingido a tiros por bandidos em Campinas.

Embora seu estado seja grave todos no CCI do Hospital Irmãos Penteados acreditam na recuperação do investigador, que tem um projétil 38 alojado na cabeça sem poder ser extraído face a delicadeza da cirurgia que somente poderá ser feita na próxima semana.

Alfredo Marques Filho, 30 anos, casado com Antonieta Marques, pai de uma menina de 9 anos, foi alvejado com dois tiros calibre 38, um na pálpebra esquerda e outro na cabeça, pelo marginal Laércio Domingos da Silva.

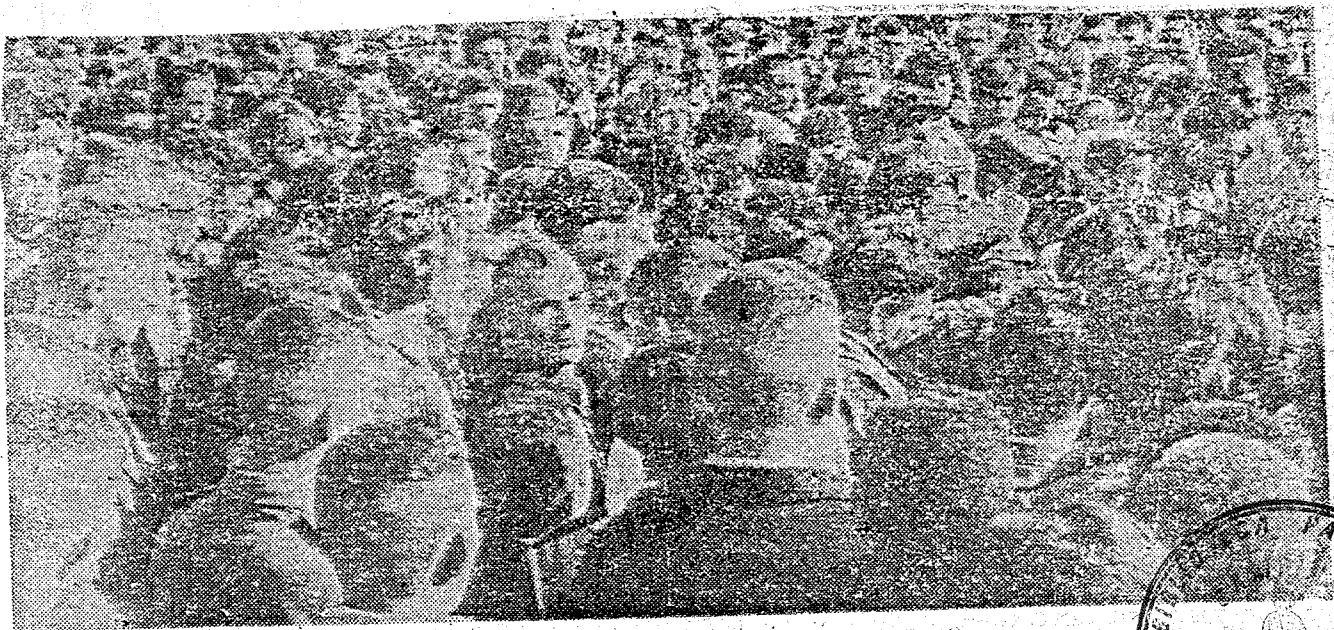
Laércio, Domingos da Silva, ladrão especialista em assaltos a apartamentos e arrombador conhecido pela Polícia de São Paulo, foi baleado pelos investigadores Bianchi, Silva e Pizão no último dia 8, quando se encontrava em companhia de "Carioquinha" e Ariel Maestro, marginais procurados em Campinas.

Um pedido de identificação para o marginal de S. Paulo, feito pelo investigador Alfredinho, que teve como resposta o disparo rápido de duas balas. Enquanto Alfredinho caía no chão, o larápio corria, mas as balas dos policiais o alcançaram matando-o.

SOLUÇÃO

Através de constantes batidas nos pontos considerados estratégicos pelos policiais, o distrito com mais 30 investigadores prometidos pelo Secretário da Segurança em recente visita a Campinas e os melhoramentos que serão brevemente introduzidos na Guarda Noturna são apontados pelo Chefe dos Investigadores como uma solução para a volta a normalidade nas ruas de Campinas.

Alfredinho ferido



O adeus do soldado herói

26.7.75

Pelo cumprimento do dever



Antes que o caixão do policial Ramos fosse depositado no túmulo 191, o comandante do 8.º BPM, tenente-coronel João José de Bastos Brito, leu o seguinte boletim especial:

"Freito ao soldado PM 80085-5 Nelson Ramos dia 24 de junho de 1975, manhã de sol, quando tudo na cidade de Campinas fazia prever uma jornada tranquila para o serviço de Rádio Patrulha, a família policial-militar se vê, mais uma vez, agredida covardemente e perde o 8.º B. P. M., um soldado na batalha contra o crime.

Assim, novamente, em trágico momento, se materializa o solene compromisso um dia prestado perante o sagrado símbolo da Pátria, jurando defendê-la com o sacrifício da própria vida.

Certamente o Sd. PM Nelson Ramos, no vigor de seus 30 anos e no alvorecer da sua carreira, não imaginava

que lhe seria tão prematuramente exigido esse sacrifício, pois, sentindo-se vocacionado, se alistara, em 16 de março de 1964, na então Guarda Civil de São Paulo, e sempre disciplinado e dedicado ao serviço, em 1970 integra a Polícia Militar de São Paulo, onde, igualmente, se revela um soldado exemplar, registrando seus assentamentos apenas elogios por bons serviços e nenhuma punição.

Sabemos que não há palavras para exprimir o sentimento de todos nós nesta hora dolorosa. A Polícia Militar, embora sabedora que esse sacrifício sempre lhe será exigido, não se conforma em ver um de seus filhos, no cumprimento do dever e em defesa da sociedade, tombar nas mãos assassinas de um marginal, que agindo covardemente não titubeia em disparar uma arma contra o defensor da ordem.

SOLDADO RAMOS!

"Teu sangue precioso, vertido no cumprimento do dever, servirá de exemplo e incentivo a todos nós que continuaremos na árdua missão de zelar pela ordem e segurança. Tua morte, prematura e dolorosa, será alento que nos fará prosseguir. E, qual Fênix revivida, prosseguirá a Polícia Militar altaneira em sua vocação de garantir a tranquilidade do povo, mesmo com o sacrifício de seus mais caros filhos".